



O MATERIAL E O SUBLIME EM “O FANTASMA DE CANTERVILLE” DE OSCAR WILDE

Palavras-Chave: LITERATURA INGLESA; SÁTIRA; MELODRAMA.

Autores(as):

ADRIELE BARBOSA SANTANA, IEL - UNICAMP

Prof. Dr. FABIO AKCERULD DURÃO (orientador), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O conto *O Fantasma de Canterville* foi publicado pela primeira vez de forma seriada, de 3 de fevereiro a 2 de março de 1887, na revista *Court and Society Review*. Em 1891, a obra foi republicada numa coletânea de histórias intitulada *Lord Arthur Savile's Crime and Other Stories*, onde recebeu o subtítulo *A Hylo-Idealistic Romance: The Redemptive Heroine*. O longo acréscimo, que faz alusões a preceitos acadêmicos e literários, sugere escárnio em relação à seriedade com que histórias sobrenaturais eram recebidas naquela época. De fato, Wilde utiliza ironia para subverter histórias típicas do gênero gótico durante a maior parte do conto. No enredo, o fantasma que dá título à obra, Sir Simon, tenta sem sucesso aterrorizar a família Otis, que reage às investidas da assombração de forma pragmática.

Sobre o subtítulo acrescentado em 1891, Guy (1998) postula sobre a influência da filosofia de mesmo nome, que começava a se espalhar pelas ruas de Londres após a morte prematura de sua autora, Constance Naden, em 1887. A elaboração de Naden propunha uma construção do material (hylo) a partir do espiritual (idealistic), de forma a defender que as percepções e crenças humanas moldam a realidade em torno do homem. A relação entre a natureza e as impressões humanas sobre ela é tratada por Wilde em *A decadência da mentira*:

“Com efeito, o que é a Natureza? Não é uma avó que nos houvesse criado; ao contrário, é a nossa criação. As coisas só existem porque nós as vemos; e aquilo que vemos, como vemos, depende das Artes que influem sobre nós. Olhar uma coisa e vê-la são fatos diferentes. Não se vê uma coisa senão quando se compreende a sua beleza”. (WILDE, 2021, p. 51)

Embora o subtítulo tenha sido questionado na época (GUY, 1998, p. 02), a afirmação de Wilde foi posteriormente relacionada ao personagem principal da novela, Sir Simon. Segundo Wilburn (1987), o anseio do fantasma de Canterville em assustar a família Otis seria a representação do artista em

busca de seu público. A plateia, embora concretamente aceite a existência fantasmagórica, não acredita que Sir Simon possua a capacidade de assustá-la. Portanto, a descrença dos Otis constrói a realidade do texto: o pragmatismo e o utilitarismo da família americana impedem o artista de fazer sua arte.

Essa questão é dramatizada durante a primeira parte de *O Fantasma de Canterville*. Quando Sir Simon revela seu sofrimento e é levado à redenção pela personagem Virginia, a sátira é substituída por sentimentalismo e maniqueísmo moral. A mudança provoca uma tensão interna no texto: a primeira parte ironiza o melodrama gótico para, na segunda, concretamente se tornar um. A partir de tal contradição, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a relação entre tal ruptura formal e os dois pólos narrativos da história, ou seja, a família Otis e o fantasma de Sir Simon.

METODOLOGIA:

Para fins de análise, mobilizamos a fortuna crítica sobre a referida obra e os ensaios de Wilde, especialmente o *The Decay of Lying* (1891), considerado síntese de seus ideais teóricos. A bibliografia abarcou os textos *The Doubtfulness of Oscar Wilde* (2001), de Terry Eagleton, que propiciou os insights sobre dualidade e ambiguidade no objeto trabalhado; e o *The Renaissance: Studies in Art and Poetry* (1887), de Walter Pater, crítico inglês que atuou como preceptor de Wilde durante seus anos em Oxford. Ainda, a revisão de teses e publicações acadêmicas foi essencial para desenvolver as ideias aqui apresentadas.

A técnica utilizada para análise da bibliografia foi a de leitura cerrada, ou *close reading*, descrita no livro *Metodologia de Pesquisa em Literatura* (2020), de Fabio Durão. Dessa forma, a interpretação do embate entre o Fantasma e a família Otis como emblema para a contraposição entre o materialismo e o sublime norteou a seleção de trechos dos textos mobilizados, assim como suas relações com o restante da obra estudada e o argumento principal da hipótese de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A leitura do Fantasma como um artista já havia sido proposta por Rodney Shewan, que traçou paralelos entre a construção do personagem de Sir Simon com a vida de Thomas Griffith Wainwright, objeto do ensaio de Wilde intitulado *Pen, pencil and poison: A Study in Green*. Wainwright mostrava domínio da arte da caneta por meio de contos, do lápis por meio de desenhos e ilustrações e, por fim, do veneno por meio de assassinatos. Sir Simon, por sua vez, também tem experiência com homicídios e exprime sua veia artística por meio de aparições assombrosas. Com o cuidado e a teatralidade exigidos numa performance, o fantasma incorpora personagens como “Red Rueben, ou o bebê estrangulado”, “Espectro Gibeon, o Vampiro de Bexley Moor”, “Daniel, o Mudo, ou o Esqueleto Suicida”, “Martin, o Maníaco, ou o Mistério Mascarado”, entre outros. Ao se dispor de figurinos e diferentes nomes, Sir Simon cria máscaras, personificando um preceito de Walter Pater: aqueles que

se submetem a diversos tipos de experiências, performando diferentes facetas de si mesmos, são artistas.

Em contrapartida, as investidas performáticas de Sir Simon são recebidas pela família americana por um viés apegado ao material: Mr. Otis propõe o uso do detergente Pinkerton para apagar a mancha de sangue que Sir Simon insiste em renovar no assoalho da casa; recomenda o uso de lubrificante para amenizar o som das correntes arrastadas pelo Fantasma noite adentro; até mesmo sugere um remédio digestivo para cessar os pavorosos gritos do aristocrata. Os Otis não possuem o temperamento artístico necessário para perceberem a realidade como algo diferente do materialismo ao qual estão familiarizados.

A caracterização é emblemática até mesmo em seus nomes: “Otis” faz alusão à famosa Otis Elevator Company, empresa norte-americana fundada em 1853, que fabrica elevadores e escadas rolantes. O apelido dos gêmeos, “estrelas e listras”, faz referência à bandeira estadunidense. O filho mais velho recebe dos pais o nome de Washington, “em um momento de patriotismo” (WILDE, 2009, p. 11), aludindo ao primeiro presidente dos Estados Unidos e o herói de sua Independência, George Washington. Em *A decadência da mentira*, Wilde tece comentários sobre tal homem:

“O comercialismo brutal da América, o seu espírito material, a sua indiferença pelo lado poético das coisas, a sua falta de imaginação e de altos ideais inatingíveis provêm da circunstância de haver essa terra adotado como herói um homem que, segundo ele próprio confessou, era incapaz de uma mentira”. (WILDE, 2021, p. 42)

A oposição entre a arte de Sir Simon e o materialismo dos Otis faz eco a outro projeto artístico de Walter Pater, exposto na antologia de ensaios *The Renaissance: Studies in Art and Poetry* (1877). Em *De Profundis*, a longa carta que Wilde escreveu na prisão de Reading Gaol, tal obra é descrita como “esse livro que exerceu uma influência tão estranha em minha vida” (WILDE, 2014, p. 105). Em seus textos, Pater concebe a corrente do Esteticismo por meio da paixão poética, o desejo de beleza e o amor à arte por ela mesma. O crítico perpassa por personalidades como Pico della Mirandola, Sandro Botticelli, Michelangelo, Leonardo da Vinci, entre outros, de modo a não apenas debater o sentido da arte mas também a urgência de integrá-la à vida. O movimento, a passagem e a dissolução das impressões, imagens e sensações seriam o que desperta o espírito humano para a avidez e vitalidade que lhe cabe.

Ao defender a beleza como um fim em si mesmo, o Esteticismo propõe um projeto de completa autonomia artística, sem subordinar a arte a valores burgueses, filistinos e mercantilistas. Desse modo, a arte não teria nenhum compromisso com a moralidade, ou com preceitos didáticos e causas políticas. Tal elaboração é expressa na emblemática frase final do prefácio de *O Retrato de Dorian Gray* (1889): “Toda Arte é absolutamente inútil” (WILDE, 2020, p. 20), ou seja, a defesa da autarquia estética rejeita a obra de arte como um meio de ação no mundo, pois é perfeita enquanto um fim em si mesma.

A presença do Esteticismo está presente não somente no embate entre os personagens de *O Fantasma de Canterville*, mas também na própria forma do conto. A narrativa abre mão de seu tom cômico quando Sir Simon revela seu sofrimento, seu anseio pela morte e o descanso eterno. Nesse ponto da história, o autor abraça elementos do melodrama, como uma heroína pura e angelical que leva o fantasma à sua redenção. A cena é artificialmente dramática e bela, construída pela presença de rouxinóis, flores brancas e um nevoeiro envolvente. Se antes o tom era espirituoso e bem humorado, agora a premissa romântica de que “o amor é mais forte que a morte” (WILDE, 2009, p. 45) é o que norteia o texto.

Dessa forma, a primeira parte da narrativa perpassa por estereótipos do melodrama e do gótico, gêneros limitados por convenções e associados à literatura mercadológica, para satirizar a arte banal com humor e sagacidade. Já a segunda parte assume concretamente o melodrama, mas por meio de uma composição artificial. Assim, enquanto Wilde anuncia a derrota de Sir Simon e da arte imaginativa diante da família Otis e o materialismo, submetendo o artefato a um gênero tipicamente burguês, o sentimentalismo é empregado como um recurso primordialmente estético. O melodrama e seu caráter comercial são subordinados ao Esteticismo e à autonomia artística.

CONCLUSÕES:

A dualidade pensada em *O fantasma de Canterville* apresenta a família Otis como o espírito moderno do comercialismo e o Fantasma como expressão de um mundo poético e múltiplo. Segundo o próprio Sir Simon: “Era evidente que essas pessoas viviam em um plano de existência baixo e material, por isso eram incapazes de apreciar o valor simbólico dos fenômenos sobrenaturais” (WILDE, 2009, p.32). São, respectivamente, emblemas para o materialismo e para o sublime.

Pater (1887) propõe o Esteticismo como a busca pela elevação do espírito artístico. Nesse sentido, parte do Renascimento e do retorno à Antiguidade para tratá-los enquanto sintomas do desejo por novas fontes para fruição intelectual e imaginativa. A base do postulado, portanto, é o cultivo da imaginação e do intelecto para escapar da realidade normativa e enfadonha. Esse é o principal ponto de *A decadência da mentira*, que enaltece a literatura baseada por preceitos de beleza e imaginação em detrimento à literatura realista que se inspira na vida e na verdade. Wilde defende a premissa de que a arte exprime apenas a si mesma e nisso encontra a perfeição; a natureza seria apenas um instrumento a ser melhorado e dotado de beleza.

Dessa forma, a presente pesquisa propõe a hipótese interpretativa de que o tema central de *O Fantasma de Canterville* é o embate entre o Esteticismo, representado por Sir Simon, e as tentativas de submeter a arte à materialidade vulgar do mundo, representadas pela família Otis. Embora a história sugira a vitória do segundo ao assumir o sentimentalismo barato como conteúdo, a forma artificial do conto implica o artefato como subordinado a preceitos somente estéticos.

BIBLIOGRAFIA

- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, Terry. The Doubleness of Oscar Wilde. **The Wildean**, n. 19, pp. 2-9, Jul/2001.
- ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1988.
- GIOVANELLI, Laura. The Ghost as Artist: Allusive Echoes in The Canterville Ghost. **La Rivista di Engramma**, n. 187, pp. 65-84, Dez/2021.
- GUY, Josephine M. An allusion in Oscar Wilde: The Canterville Ghost. (Irish dramatist). **Notes and Queries**, vol. 45, no. 2, 1998, p. 224.
- PATER, Walter. **O Renascimento**. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- RANGEL, Priscila Viana. **O Retrato de Oscar Wilde - uma análise de sua obra crítica**: conferências e ensaios. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa). Centro de Educação e Humanidades do Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 71. 2011.
- WILBURN, Lydia Reineck. **Oscar Wilde's The Canterville Ghost: The Power of an Audience**. Papers on Language and Literature 23.1, 1987.
- WILDE, Oscar. **A Decadência da Mentira e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- _____. **De profundis**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- _____. **O Fantasma de Canterville**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- _____. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- _____. **The Canterville Ghost and Other Stories**. Dover Thrift Editions, 2001.